

**MARIANA NO LIMIAR DA REPÚBLICA:
ENTRE O “TRADICIONAL” E O “MODERNO”.**
*MARIANA ON THE THRESHOLD OF THE REPUBLIC:
BETWEEN THE TRADITIONAL AND THE MODERN*

Manuela Areias COSTA¹

Resumo: Este estudo consiste em uma análise da cidade de Mariana-MG, durante o final do século XIX e início do século XX. Para tanto, buscaremos enfatizar alguns aspectos de Mariana no auge do projeto de modernização do país. Suscitaremos uma reflexão sobre o jogo entre paradigmas “tradicionais” e “modernos”, que perpassavam as construções urbanas da cidade e as percepções dos habitantes do município, revelando representações que se forjavam entre o “novo” e o “tradicional”.

Palavras-chave: Tradição. Modernização. Mariana.

Abstract: This study is an analysis of the city of Mariana, Minas Gerais, during the late nineteenth and early twentieth century. To this end, we will try to emphasize some aspects of Mariana at the height of the project of modernizing the country. Will bring about a reflection on the game between paradigms "traditional" and "modern" buildings that pass the city's urban and perceptions of the inhabitants of the city, revealing that representations forged between the "new" and "traditional."

Key words: Tradition. Modernization. Mariana.

A região dos Inconfidentes compreende, atualmente, mais de uma dezena de municípios² que, até a segunda metade do século XX, faziam parte de Ouro Preto (antiga Vila Rica) e Mariana (antiga Vila de Ribeirão do Carmo). Para além da proximidade geográfica, as duas cidades possuem em comum o fato de terem surgido em virtude do processo de exploração aurífera e de terem se tornado importantes centros de poder profano, no caso de Ouro Preto, e sagrado, no de Mariana. O pano de

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente faz parte da Comissão Editorial da Revista Cantareira (periódico discente do departamento de história da UFF).

² Acaiaca, Barão de Cocais, Catas Altas, Conselheiro Lafaiete, Diogo de Vasconcelos, Itabirito, Mariana, Ponte Nova, Ouro Branco, Ouro Preto, Santa Bárbara e São Gonçalo do Rio Abaixo.

fundo de nossa narrativa histórica será a cidade de Mariana durante a Primeira República.

A vida social das cidades brasileiras, no primeiro período republicano, corresponde a um período de modernização técnica das urbes e de múltiplas construções simbólicas ligadas ao novo viver. Estimuladas pelo dinamismo do contexto, as mudanças vão ocorrer desde a ordem e hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas. Também irão se transformar os modos de perceber os objetos ao redor, a maneira de organizar as afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento dos seres humanos (SEVCENKO, 1998, p. 7).

Substituir um governo e construir uma nação: esta era a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar. “No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenharam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizadas pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão” (SEVCENKO, 1998, p. 27). O modelo de organização do Estado se ajustava, agora, seguindo os padrões oriundos da Europa ou da América do Norte e se projetava sobre a recente federação brasileira, de maneira que disputas se acirravam cada vez mais nas esferas representativas do poder.

Esta época foi marcada tanto pela modernização técnica de grande parte das cidades brasileiras, quanto pelas múltiplas construções simbólicas ligadas ao novo viver, cuja apropriação de alguns símbolos da modernização influenciou a sociedade de todo o país. Portanto, várias cidades procuraram atrelar o moderno ao nacional, apropriando-se de diferentes técnicas e ideias. “A busca por uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, seria a tarefa que iria perseguir a geração intelectual da Primeira República (1889-1930)” (CARVALHO, 1990, p. 32).

Desde o início os novos governantes e defensores da República agiram ativamente no sentido de torná-la reconhecida e aceita do ponto de vista moral e afetivo. Sendo assim, um novo projeto político se iniciava, lançando mão de símbolos concretos, capazes de legitimar a nova ordem pela via do sentimento, da crença e dos valores. A nação brasileira era um projeto em construção e o uso de símbolos vinculados a um ideal republicano forneceria ferramentas para esse projeto almejado, que objetivava, antes de tudo, a substituição dos símbolos nacionais, vinculados à Monarquia. Desta maneira, foi preciso construir um novo universo simbólico capaz de conferir legitimidade à nova nação republicana, criando uma memória nacional. Segundo Lúcia Lippi de Oliveira (1989, p. 174), datas, heróis, monumentos, músicas e folclore se conjugam na montagem dessa memória, produzindo um importante reforço à coesão social.

A utilização dos mitos políticos como o de Tiradentes e seus companheiros, fazia parte de projetos políticos, não só por parte dos republicanos, estes diretamente

interessados em identificar a Inconfidência Mineira como fundadora da República. Para Luiz Gustavo Cota (2007, p. 125), a nostalgia estampada na forma de discursos e poesias nos jornais também fazia parte da construção de tradições culturais regionais, de identidades, de supostas características inatas aos que viviam entre as montanhas de Mariana e Ouro Preto.

Nos primeiros anos do período republicano também culminou a *belle époque* brasileira. Nesta fase, houve no país a introdução de novos padrões de consumo. As invenções técnicas e os novos materiais introduziram mudanças nos hábitos das populações. Há de se considerar o desenvolvimento de um novo comportamento urbano, que ganhou certo grau de sofisticação nos hábitos de consumo, especialmente nos finais do século XIX. O comércio local tratou de se abastecer com as mais diversas mercadorias importadas da Europa e, dentre elas, podemos citar: vinhos, manteigas, vidros, móveis, ferramentas, talheres, louças, tecidos, calçados e instrumentos musicais. A rede de comercialização e a dinâmica da economia internacional atingiram uma vasta área do globo. Instigados por uma onda publicitária, a sociedade passou a se interar com “[...] modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais, a popularização do cinema [...]” (SEVCENKO, 1998, p. 37).

A arquitetura e o planejamento urbano também sofreram modificações em prol de adaptar a imagem da cidade ao homem moderno. Assim, as cidades foram se transformando em verdadeiros “álbuns de projeções”. Em algumas cidades portuárias ou capitais, houve a demolição de casarões antigos para dar lugar ao novo traçado urbano. A demolição do tradicional para dar lugar aos novos princípios urbanísticos foi fruto do pensamento progressista da época. O “ousado princípio de modernização” das cidades culminou com a “ruptura do centro urbano antigo, tanto para alargar as suas ruas, quanto para estabelecer fáceis comunicações com as novas áreas edificadas” (ROMERO, 2004, p. 31). No Rio de Janeiro, por exemplo, foi necessário demolir setecentas casas para abrir a Avenida Central. Todo o centro urbano antigo mudou. A urbanização da parte histórica do Rio de Janeiro e a abertura de vias melhores para o crescimento da cidade eram algumas das muitas mudanças de diferenciação do passado, projeto este estabelecido pela República.

Se, por um lado, a cidade do Rio de Janeiro passou por um plano de urbanização e modernização, por outro, quando passamos para o plano da modernização em Minas Gerais e principalmente na cidade de Mariana, foco desse artigo, devemos ressaltar que a região possuiu uma trajetória singular, não homogeneia e repleta de contradições. Conforme José Mindlin,

falar de Minas em conjunto com a ideia de modernização, parece, de certo modo, uma contradição, dada a imagem bastante generalizada do povo mineiro, de ser essencialmente conservador, apegado à tradição e avesso às aventuras e riscos, aspectos por sua vez característicos de um processo de modernização (2005, p. 14).

Em relação ao conceito de modernidade da época, José Murilo de Carvalho destaca a batalha do “tradicional” e do “moderno”. Todos os elementos mencionados no fragmento abaixo por Carvalho podem fazer parte do conceito de moderno, mas a maneira pela qual as pessoas combinavam esses elementos é que dará o sentido da modernidade, seu maior grau ou menor grau de rompimento com a tradição.

A força da tradição não se revela apenas na reação as mudanças. Ela estava presente no próprio conteúdo do que era visto e considerado moderno para setores da elite da época de que nos ocupamos. Moderno, modernidade, modernização, significava muita coisa. Eram novidades tecnológicas: a estrada de ferro, a eletricidade, o telégrafo, o telefone, o cinema, o automóvel, o avião; eram as instituições científicas: Manguinhos, Butantã, a Escola de Minas, a de Medicina e a de Engenharia, eram as novas idéias, o materialismo, o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo social, o livre cambismo, o secularismo, o republicanismo; era a indústria, a imigração européia, o branco; era a última moda feminina de Paris, a última moda masculina de Londres, a língua e a literatura francesa [...] Antigo e tradicional, atrasado era o português, o colonial, o católico, o monárquico; era o índio, o preto, o pai-de-santo, era o centralismo político, o parlamentarismo, o espiritualismo, o ecletismo filosófico (CARVALHO, 1998, p. 120).

Conforme as idéias de Carvalho, o moderno não é caracterizado unicamente por sua unidade e sim por sua heterogeneidade. A modernidade aqui deixa entrever as contradições entre o antigo e o novo, o moderno e o tradicional.

Com tantas significativas mudanças acontecendo no âmbito mundial e no quadro brasileiro, podemos dizer que a vida social em Mariana encontrava-se num limiar de difícil definição, na batalha entre o “tradicional” e o “moderno”. Trata-se de compreender os limites das apropriações de elementos da modernização no município.

Os setores de comércio e serviços no começo dos novecentos, em Mariana, ganharam impulso, fato verificável nas publicidades dos periódicos que circulavam no município. Um grande número de mercadorias passou a ser exibido nos pontos comerciais, como demonstra a propaganda do estabelecimento Leandro e Castro:

Completo sortimento de fazendas, armarinhos, ferragens, calçados, chapéus de sol (guarda-chuva) e de cabeça, arreios, couros, artigos para sapateiros, tintas, ferro em brasa, máquinas para costura, formicida, Capanema, molhados e gêneros do país. Aceitam encomendas para o Rio mediante pequena comissão. Tem sempre escolhido sortimento de artigos para enxovais de casamento e batizado. Rua 4 e 13. Cidade de Mariana (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Jornal, Rio Carmo. Mariana, ano 2, n. 1, n. p., 25 dez. 1901).

Nos primeiros anos da República, cuidava-se de ferrovias largamente. Era uma luta verdadeiramente homérica, para criar uma rede ferroviária local. O forte desenvolvimento das ferrovias indicava o dinamismo econômico e a modernização das regiões. O meio de transporte ferroviário começou a prosperar, em Minas, no final do século XIX.

Assim, a expansão da estrada de ferro na região colaborou com o avanço do comércio na cidade de Mariana. A inauguração do ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil, ligando Ouro Preto à Mariana, em 1914, revela a ansiedade das elites políticas regionais em sintonizar o espaço urbano do município ao novo modelo de modernização estruturado em outras localidades. Diante disso, “as estradas de ferro começaram a penetrar no hinterland de Minas, promovendo a circulação rápida de produtos, hábitos e idéias [...]” (PIMENTA, 1993, p. 98). O meio de transporte férreo também colaborou com a circulação de novas idéias vindas dos grandes centros urbanos. “No interior já estão a par de tudo quanto ocorre no Rio, especialmente em Mariana, onde a estrada de ferro levou nestes últimos anos notável progresso” (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Jornal, O Germinal. Mariana, 13 jun. 1917, ano 13, n. 487, p. 2).

Em 1902, o Jornal do Comércio, publicou a seguinte nota: “Ao Congresso Nacional os engenheiros de Minas e civis, [...], requereram privilégio para a construção de uma estrada de ferro econômica de Ouro Preto para Santa Bárbara, passando por Mariana” (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Jornal, Rio Carmo. Mariana, 25 de mai. 1902, ano 2, n. 15, p. 4). Dessa maneira, desde fins do século XIX, Mariana passou a absorver diferentes traços que influenciaram os hábitos e costumes da população. O jornal O Espeto de setembro de 1928, chama a atenção para alguns aspectos relacionados ao distrito de Passagem, oriundo de Mariana:

É iluminado a luz elétrica, tem uma excelente rede de telefonia, telégrafo, correio e é servido pela Estrada de Ferro Central. É sede da Companhia Minas de Passagem que explora a extração do ouro e a fabricação do arsênico e, que, em importância na espécie, é a segunda do Brasil. Este distrito possui um bom cinema, um teatrinho, importantes sociedades de beneficência, três sociedades recreativas, uma dramática e literária, duas de Sport, duas de bandas, quatro escolas públicas, sendo uma noturna, importantes casas comerciais [...] (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Jornal, O Espeto. Mariana, ano 1, n. 1, n. p., 30 set. 1928).

Em 1918, foi instalada a luz elétrica em Mariana, pelo convênio com a Companhia *Ouro Preto Gold Mines of Brasil*. “Este acontecimento era aguardado pela população com impaciência, pois dela dependia a viabilidade do sonhado processo de industrialização de Mariana, processo já ocorrido em outras cidades mineiras como Juiz de Fora, desde fins do século anterior” (FONSECA, 1995, p. 146).

Da mesma forma que houve a grande circulação de produtos e ideias, as revistas e os jornais também se proliferaram no município através do transporte férreo. Essas revistas traziam notícias diversas sobre moda, política, cotidiano, comportamentos sociais e propagavam a imagem de um novo modo de viver, frente à época moderna. A partir dessas revistas e jornais novos hábitos espalharam-se pela população brasileira. Lembrando Benedict Anderson (1989, p. 46), o nascimento da “comunidade imaginada” originou-se do capitalismo editorial, que favoreceu o relacionamento de um número cada vez maior de pessoas através da disseminação de ideias. Para Anderson, “o desenvolvimento da imprensa como mercadoria é a chave da geração de ideias inteiramente novas.”

Apesar de terem acontecido todos esses esforços para enquadrar o município no projeto de modernização do país, Mariana, assim como outras cidades históricas, entre elas Ouro Preto, tiveram dificuldades de acomodar satisfatoriamente valores e “estilos de vida” modernos, novas formas de lazer e de habitação nos espaços tradicionais desses centros (FONSECA, 1995, p. 19). Essas cidades ainda mantiveram o seu ar “colonial”, sendo este apenas modificado pela adoção gradual de novas técnicas.

Nesse sentido, a autora Heliana Salgueiro (1993, p. 128), que estudou a transformação da arquitetura colonial em Ouro Preto, aborda que a aparente homogeneidade da antiga capital não se constituiu de uma superposição de estratos históricos lineares. Para Salgueiro, “os traços gerais da paisagem urbana de Ouro Preto não mudam no decorrer do século, certas observações típicas se repetem”.

O que se deve observar a respeito do “estilo” de Ouro Preto, é que certos elementos de um esquema inscrito na tradição “colonial” se redefinem e se difundem na prática arquitetural do final do século XIX” (SALGUEIRO, 1993, p. 128).

As restrições naturais, a circulação econômica e o abastecimento de produtos constituíram uma das razões para a mudança da capital. A decisão oficial de mudar a capital de Minas Gerais configurou-se na Constituição Republicana de 1891 e reforça a crítica da falta de condições oferecidas por Ouro Preto para tornar-se uma capital moderna. Salgueiro, considera que as transformações se aceleraram a partir de 1880 e a estrada de ferro veio depois a contribuir para a chegada de materiais industrializados. Mas, quando houve a mudança da capital para Belo Horizonte em 1897, ocorreu uma diminuição no quadro de transformações em Ouro Preto, apesar das expectativas de “modernização” não acabarem (SALGUEIRO, 1993, p. 131).

Alguns dos planos de melhoramento da cidade de Ouro Preto no final dos oitocentos, contava com “a criação de linhas de bonde a vapor ou elétricos, a primeira saindo da Igreja do Rosário até a Estação e indo até a Matriz de Antonio Dias, e a segunda partindo da Estação até a Praça Tiradentes” (SALGUEIRO, 1993, p. 133). Cortar o morro da Forca com o objetivo de prepará-lo para receber novos edifícios e embelezamento; construir um mercado moderno de ferro e vidro e restaurar o antigo mercado também fazia parte de alguns dos projetos urbanísticos da cidade.

O plano de melhoramento do município de Ouro Preto, que expressou a recusa da cidade antiga, não se efetivou e o tecido urbano permaneceu praticamente o mesmo. As grandes tipologias tradicionais perduraram, mas se transformaram enquanto novas formas foram sendo desenvolvidas. Salgueiro (1993, p. 141), salienta que a interpretação do antigo e do novo, do artesanal e do industrial produziu fachadas múltiplas na cidade, onde os elementos justaporam diversamente, o que tornou inútil discernir sequências “ideais”.

Tal quadro também vale para Mariana, que foi sede do governo religioso. No caso do município de Mariana, devemos interrogar sobre a imposição de formas novas sobre as formas locais tradicionais. Segundo os estudos realizados pela autora Cláudia Damasceno Fonseca (1995, p. 145), em 1906, quando Mariana era elevada à Arquidiocese, a “cidade dos bispos” apresentava praticamente a mesma feição do início do século XIX.

Para Fonseca, a economia se transformava e diversificava, mas os valores básicos dos marianenses permaneciam inalterados. A vida social continuava polarizada pelos eventos religiosos, as igrejas e capelas continuavam sendo frequentadas e, assim, eram mantidas em relativo bom estado (FONSECA, 1995, p. 188). Nesse sentido,

Mônica Fischer identificou na sociedade marianense do século XX um sistema cultural ambivalente. O fragmento abaixo nos indica aspectos dessa sociedade:

[...] um sistema cultural que ainda se encontram bem vividos os valores hierarquizantes, introjetados em nível do imaginário social [...], porém, dilatados pela introdução de novos valores fundamentados em práticas modernizadoras, [...] dessa forma, temos hoje um imaginário fortemente marcado, de um lado pela valorização do moderno e do novo, na ordem econômica capitalista e, de outro, pelos valores hierarquizantes típicos do antigo sistema colonial de privilégio, fundamentado em laços de parentescos e na mediação religiosa (FICHER apud FONSECA, 1995, p. 181).

No município de Mariana, o ambiente cultural se modificava, as ofertas de novos produtos e serviços cresciam e pequenas fábricas eram abertas, no entanto, a velocidade dessas transformações eram bem mais lentas que as experiências vivenciadas em outras cidades. Somente na década de 1930, surgiria em Mariana um símbolo “do progresso”: a fábrica de tecidos São José.

A sociedade marianense compartilhou de uma mescla de provincianismo e cosmopolitismo, tradicionalismo e modernismo. A reprodução de velhos hábitos na cidade de Mariana em meio a essa época de transformações “modernizantes” demonstra que as ideias sobre o “moderno” são construídas tanto em meio ao choque ou conflito, quanto em meio às superposições e às misturas de conceitos com o tradicional. Portanto, apesar da chegada da modernização e da apropriação de alguns elementos da *belle époque*, (ferrovia, eletricidade, paisagem urbana, estrutura fabril), a cidade passou a redefinir alguns elementos do passado.

Os artefatos modernos foram gradualmente apropriados no cotidiano do município de Mariana, que esteve dividido em dois lados. De um lado, a integração social regional marcada pela intensa religiosidade, a política centralizada e as atividades artísticas. No outro extremo, a existência de um novo regime, uma nova capital, um impulso industrial, as oportunidades financeiras quanto ao mercado de abastecimento e serviços dirigidos a Belo Horizonte (que deixa de ser apenas o centro político-administrativo, para tornar-se centro comercial, eixo da vida mineira), a possibilidades de novos empregos, e as promessas quanto à revitalização espacial e semântica desenvolvidas em contraponto ao “estigma de decadência” (LIMA, 2001, p. 131).

Nesse âmbito, sugerimos que o município de Mariana, em sua tênue divisão entre o espaço urbano e rural, a partir de várias apropriações culturais, sintonizou-se a sua maneira às novas projeções constituídas sobre o progresso e modernização.

Procuramos ter demonstrado, dentro dos limites desse artigo, alguns aspectos da cidade de Mariana durante a Primeira República, um ambiente marcado pela prática cultural que remonta à tradição colonial, mas permeado pelas apropriações de novos discursos, costumes e representações.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Nações e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COTA, Luiz Gustavo Santos. **O sagrado direito da liberdade: escravidão, liberdade e abolicionismo em Ouro Preto e Mariana (1871 a 1888)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. **Mariana: gênese e transformação de uma paisagem cultural**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geociências) Instituto de Geociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- LIMA, Kléverson. **Relatório geral sobre o projeto de pesquisa referente ao estudo das correspondências do Acervo Histórico de Monsenhor Horta**. 2001. 76 f. Relatório PIBIC/CNPQ (Graduação em História). Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana.
- MINDLIN, José. Minas e modernização. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. "As festas que a República manda guardar. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n. 4, 1989.
- ROMERO, José Luis. As cidades burguesas. In: _____. **As cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- SALGUEIRO, Heliana Angott. Ouro Preto: dos gestos de transformação do "colonial" aos de construção de um "antigo moderno". In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: USP, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusão do progresso. In: _____. (org.). **História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.